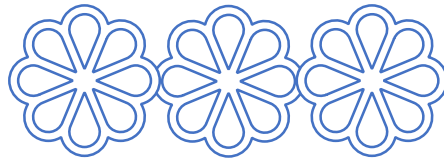


Histórias de vida e migração: desdobramentos de uma atividade desenvolvida junto ao Programa Idade Ativa (UNISAL)



*Diane Portuguez
Karen Simões Monteiro
Cecília Pescatore Alves*

O texto pretende apresentar ao leitor a tessitura de uma proposta de atividade pedagógica junto ao Programa Idade Ativa da UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo) e seu itinerário junto aos participantes. O manuscrito visa elucidar o relato da experiência de uma das autoras junto à construção de um curso remoto com um grupo de seis participantes (1 homem e 5 mulheres, entre 63-84 anos de idade). A atividade abarcou a grade do primeiro semestre letivo de 2024, durante os meses de maio e junho, como parte do programa que contempla a Universidade Aberta à Terceira Idade enquanto espaço de construção da cidadania, corroborando o objetivo comum ao projeto institucional, que visa a construção de novas aprendizagens, estabelecimento de vínculos e melhoria da qualidade de vida dos participantes (Silva; Monteiro, 2012).

O Programa Idade Ativa do Centro Universitário Salesiano de São Paulo - campus Santa Teresinha teve suas atividades iniciadas em 2003, à época contando com 100 alunos, desenvolvendo atividades práticas e artesanais com professores voluntários. Tal modelo mostrou-se, entretanto, rapidamente inadequado às necessidades de seu público alvo, sendo então em 2007 reformulado, assumindo caráter reflexivo e também mais teórico, respondendo aos anseios dos próprios participantes. A nova estruturação trouxe mudanças na composição do corpo docente, não mais assumido por voluntários, com adesão de novas características ao conteúdo ensinado, proporcionando rápido crescimento do curso. No primeiro semestre de 2010 o Programa contou com 164 alunos, distribuídos em 6 turmas (Silva; Monteiro, 2012) e chegou a 257 alunos e 9 turmas no início de 2020, no *Campus* Santa Teresinha.

Durante a pandemia de Covid-19, com muitos idosos morando sozinhos, a manutenção do Programa foi considerada fundamental para a conservação da saúde física e mental dos alunos, mas, ao mesmo tempo, foi um desafio, considerando as dificuldades enfrentadas pelo público em função da falta de habilidade no manejo da tecnologia, falta de recursos de alguns participantes e

pelo desinteresse em aulas remotas. Outro desafio foi a falta de manejo de muitos professores para ministrar aulas remotas naquele momento. Apesar disso, o Programa Idade Ativa não parou suas atividades durante a pandemia. Além das aulas remotas, contou com vídeos motivacionais prévios para preparar as atividades semanais e a disponibilização de aulas gravadas para aqueles que, por algum motivo, não conseguiam participar das atividades síncronas.

Com isso, durante a Pandemia, o Programa conseguiu atender alunos de outras cidades que puderam ser agregados em função das aulas remotas e mesmo após o retorno ao formato presencial, a modalidade passou a ser ofertada como opção para aqueles que não podem frequentar o curso presencialmente.

Atualmente o corpo de professores nas diversas unidades é formado por profissionais vindos dos cursos de graduação oferecidos pela própria instituição, de áreas diversas, como Psicologia, Educação Física, Direito, Pedagogia e Administração, assim como também convidados de outras áreas e instituições. Forma-se desse modo uma composição potente de especialistas, mestres e doutores. O Programa está inserido na área da Gerontologia Educacional e também na Educação Gerontológica (Silva; Monteiro, 2012). Atualmente configura-se como atividade do Núcleo de Extensão e Ação Comunitária do UNISAL, atendendo prioritariamente pessoas acima dos 55 anos de idade. Em São Paulo são atendidos 160 alunos no *Campus* Santa Teresinha e 23 alunos no *Campus* Pio XI, no qual também estão matriculados os alunos da turma remota.

Apesar do *Campus* Santa Teresinha ter o maior número de alunos, o UNISAL conta com o Programa Idade Ativa no *Campus* Pio XI (também em São Paulo) desde 2013 e unificou outros projetos ofertados ao mesmo público nas diversas Unidades, o que possibilitou oferecer este tipo de serviço nas cidades de Americana, Campinas e Lorena, cada qual com suas peculiaridades regionais.

O Programa tem por objetivo promover a reflexão acerca da realidade e atualidade por meio de aulas dinâmicas que permitem a interação entre as pessoas, a construção de novos saberes e estimula o convívio social. A proposta educacional é multidisciplinar e, como eixos para a escolha das disciplinas (...) têm se priorizado a inserção do idoso na vida acadêmica, a história de vida do aluno, questões voltadas à sociedade e à cidadania, aspectos relacionados ao idoso e à contemporaneidade, além de atividades específicas das disciplinas que envolvem os cursos de graduação presentes nos campus onde o Programa é desenvolvido. Todos participam de aulas teóricas nas diversas áreas do conhecimento propostas, além de práticas corporais e atividades extracurriculares como visitas a exposições, teatros etc. (Silva; Monteiro, 2012, p.296)

Desenvolvimento das atividades a partir de um convite desafiador

Fui convidada a compor o time de docentes do mencionado curso que necessitava de alguém para completar uma disciplina ainda em aberto. Não havia tempo hábil para a elaboração de uma tarefa complexa, as aulas se iniciariam já na semana seguinte ao convite. Sob tutela da coordenadora, Karen

Simões Monteiro, foi incitado o desafio, inicialmente para que abordasse algum tema introdutório da Psicologia Social, área principal de minha formação. Tomada em sobressalto pelo grato e espontâneo convite, embora com pouco tempo para elaboração de aulas semanais pertinentes aos interesses dos participantes, surgiu a ideia de tratar alguns capítulos do livro que naquele momento desenvolvia, com lançamento previsto para o segundo semestre de 2024.

O livro traz um assunto, ao meu ver, universal: histórias de vida de migrantes. O caso específico que trato, fruto de minha tese de doutorado (Portuguesis, 2018) aborda uma questão psicossocial e contornos da constituição identitária de ítalo-brasileiros trabalhadores em sorveterias na Alemanha. O universo que abarca suas narrativas de vida envolve questões ligadas à construção de suas identidades em face à colonização italiana de sua cidade de origem no Brasil, a vivência de aspectos que compreendem como exercício da italianidade, o sonho da emancipação financeira e a migração de trabalho para a Europa, em um contexto bastante específico: estes ítalo-brasileiros de origem sul catarinense foram socializados em sua cidade natal cultuando traços do que entendem tratar-se da identidade italiana, assim, adotando estilo de vida que os leva a buscar a obtenção do passaporte italiano para posterior permissão de trabalho na Alemanha como cidadãos devidamente documentados. Nesta trama estão inseridos interesses de empregadores italianos, donos de sorveterias na Alemanha, que buscam na mão de obra ítalo-brasileira sul catarinense uma estratégia de baixo custo e documentada, para atuação em seus comércios.

Esse contexto é facilitado pela relação de irmandade estabelecida entre cidades gêmeas, acordo conhecido como *gemellaggio*, entre Longarone na Itália e Urussanga, no Sul de Santa Catarina. A relação de “irmandade” em questão fomenta o intercâmbio de laços culturais e também estimula a tratativa de acordos bilaterais nos campos de trabalho e acesso à documentação (Portuguesis; Alves, 2023).

Foi este, então, o enredo pensado para trabalhar com o grupo de alunos do Programa Idade Ativa da UNISAL, em disciplina nomeada “histórias de vida e migração”. O intuito primeiro visou abarcar alguns capítulos do mencionado livro com a proposta de estimular debates acerca dos temas apresentados semanalmente.

Por se tratar de um tema que envolve a história e origem de muitos brasileiros - a imigração, pensei na criação da disciplina como uma construção conjunta. Eu contaria sobre alguns capítulos e os participantes seriam estimulados a desenvolver debates acerca dos temas propostos, contando suas histórias de vida, interfaces, relações e memórias que emergissem a partir do tema das migrações.

Cada encontro foi pensado de modo a trazer a leitura de um capítulo como disparador para que os participantes seguissem a Co construção da aula com o que lhes despertasse maior interesse, sendo eu, não mais “professora”, mas mediadora/coparticipante da roda de conversa que se constituía a cada encontro.

As aulas, ou encontros, como passamos a nomear, seguiram o seguinte roteiro, conforme a ordem estabelecida pelos capítulos do livro: apresentação do tema,

imersão na construção da italianidade dos jovens sorveteiros na Alemanha, história da colonização italiana no Brasil, história da colonização italiana no sul de Santa Catarina, minha experiência como pesquisadora nas sorveterias na Alemanha (como entrevistei os sujeitos nas sorveterias quando fazia a pesquisa), minha experiência etnográfica¹ em Urussanga-SC, onde conheci as famílias de meus entrevistados da Alemanha, relato sobre minha estadia na cidade e participação em festas típicas italianas no Município, e finalmente, a narração de quatro histórias de vida de sorveteiros ítalo-brasileiros na Alemanha e seus desdobramentos.

As narrativas apresentadas tinham o tom de prosa, ou seja, busquei fomentar atmosfera lúdica e ao mesmo tempo atrativa, lendo os capítulos como contos, ilustrando comentários pessoais, estimulando sempre que os exemplos de vida dos participantes complementassem as histórias narradas, desse modo “colocados na roda”. Como auxílio para a quebra da “monotonia” da modalidade online, apresentei frequentemente ilustrações e fotos para tornar o texto mais fluido e as horas compartilhadas mais dinâmicas.

Essa estratégia de trabalho mostrou-se muito estimulante para os participantes, que mesmo fazendo uso das ferramentas da modalidade online, buscavam o formato de “roda mais aconchegante possível” trazendo para os encontros suas almofadas, cobertores nos dias frios, cafés, chás e bolos. Especialmente tocante foi a participação de uma aluna que, mesmo cuidando de sua mãe, senhora longeva, no alto de seus 90 anos, manteve-se presente. *“Professora queria te dizer que estou aqui ouvindo com vocês, tenho que fazer o lanche da minha mãe, mas quero que saiba que estou aqui participando.”*

Pessoalmente aprendi algumas coisas que romperam preconceitos, típicos de quem nunca tinha lidado com o trabalho e as nuances do envelhecimento. Recebi um grupo bastante participativo e absolutamente treinado a lidar com os desafios da plataforma Teams². Em muitos momentos eles me ajudavam com tarefas desta ferramenta, tal como compartilhar slides, abrir e fechar câmera e microfones.

Em meu desconhecimento sobre as habilidades do grupo, fiz menção de compartilhar um texto e rapidamente pensei que talvez não fosse apropriado, pois muitos tinham dificuldades visuais. Fui, entretanto, rapidamente alertada: *“professora, pode sim passar os textos, a gente aumenta na tela do celular”*. Primeiro grande ensinamento!

Durante os encontros fui felizmente percebendo que, de fato, meu papel metamorfoseou-se, eu era apenas facilitadora da atividade construída enquanto a aula acontecia. Quem conduzia o tom, a duração e os desdobramentos dos temas eram os participantes. Segundo grande ensinamento!

Ao trazer os tópicos históricos ligados à colonização italiana no Brasil muitos contaram sobre suas origens, sua relação com o tema das migrações, de modos diversos. Uma participante descreveu ser viúva, seu marido era alemão e ela

¹ Como parte da minha pesquisa de campo utilizei o método etnográfico que permitiu, além de obter entrevistas, conhecer os locais de moradia de meus entrevistados, observando e refletindo sobre os contextos explorados.

² Plataforma própria para encontros, discussões em grupo e palestras online.

sempre se interessou por este universo “estrangeiro”. Rememorou as viagens com o marido e os lugares “alemães” no Brasil que visitou, descrevendo lugares e paisagens do Rio Grande do Sul e também do Espírito Santo, em visita a uma localidade de serras e colonização alemã, ainda pouco explorada pelos grandes setores étnico-turísticos³. Foi perceptível seu envolvimento com o tema, a partir da ponte feita entre suas memórias atualizadas para a pauta que tratávamos.

Outra participante, quando eu abordei alguns dados históricos específicos sobre a colonização italiana no sul de Santa Catarina e a extinção dos índios da etnia Xokleng⁴ na região, trouxe relevante crítica e reflexão acerca do tema. Falou-se sobre a importância de tais episódios tornarem-se pauta nas escolas brasileiras e de como é importante a atualização do ensino da história do Brasil, por exemplo, no contexto escolar.

Esta participante, então, nos convidou para a leitura do diário de seu tio avô, que estaria guardado, segundo ela *“em uma mala velha em cima do armário, mas esse tema me mobilizou tanto que quando eu me sentir melhor de saúde subirei na cadeira para pegar e fazer a leitura com vocês.”* Segundo a participante, este diário traria passagens de como o tio avô, vindo da Itália, aprendeu a história do Brasil na escola e fez anotações, contando sobre como estava envolvido e curioso pelo tema e sobre como *“o Brasil era diferente”*. Este mesmo tio avô, de acordo com a participante, formou-se médico na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em uma das primeiras turmas e *“ia a pé para a aula, andava muitos quilômetros, ia sempre de terno, mesmo por entre ruas de terra.”*

Outro participante, estimulado pelo conteúdo dos encontros, compartilhou que *“achava que era um brasileiro comum, assim, porque sou negro”*, mas resolveu visitar o Museu da Imigração em São Paulo e descobriu, nos registros do acervo local, que sua família veio de Portugal: *“agora, depois dessas aulas eu quero levar meus filhos lá também, porque é muito legal descobrir mais sobre nós mesmos”*.

Quando relatei minha experiência etnográfica, que tratei no livro, descrevi a viagem de ônibus feita desde São Paulo até Urussanga-SC (889 quilômetros e cerca de 16 horas de viagem), bem como a mudança da paisagem, o jeito de agir das pessoas e também as festas italianas que presenciei no local de destino. Após esta descrição, uma participante do grupo teve a ideia de que se organizasse uma excursão para Urussanga. Lhes disse que existe a possibilidade de viajarem de avião. Eu apenas fiz o trajeto de ônibus para fins da pesquisa que realizava, pois era interessante perceber a mudança da paisagem e das pessoas que entravam e saíam do ônibus durante as paradas. *“Queremos nos organizar e fazer exatamente o caminho que você fez, de ônibus, queremos ver a mudança da paisagem e das pessoas!”*. Resposta dada, em tom de empolgação. Terceiro grande ensinamento!

Outra construção espontânea decorrente da atividade, foi a visita ao Museu do Imigrante em São Paulo, no dia em que se comemorou o aniversário de 200

³ O turismo étnico está ligado à motivação de conhecer características culturais das regiões visitadas (Graburn, 2009).

⁴ Destaco a relevância historiográfica do que ficou conhecido como o extermínio do povo Xokleng no Sul do Brasil. Em: Santos, Sílvio Coelho dos. Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1973.

anos da imigração alemã no Brasil. A proposta surgiu após o comentário de que esse evento se aproximava e eventualmente contasse com alguns exemplos de questões abordadas durante as aulas. Nos encontramos no museu e ainda que bastante cheio, não impediu apreciação e descontração dos participantes.

Notas finais

A experiência relatada remete à construção conjunta de aulas elaboradas no contexto de “histórias narradas e histórias vividas” (Rosenthal, 2017), no que tange a contação de histórias narradas (histórias dos ítalo-brasileiros recontadas por mim) relacionadas ao entrelaçamento das histórias vivenciadas pelos participantes da atividade. Conecto esta experiência e sua construção, também a considerações acerca do que Antônio da Costa Ciampa (1987/2001) desenvolveu teoricamente enquanto constituição da identidade como metamorfose.

Tratar o entrelaçamento entre as histórias narradas e as histórias vividas enquanto ferramenta didática, no escopo da atividade oferecida, proporcionou que ocorressem metamorfoses nos participantes em exercício constante e consciente, gerado pelo movimento emergido de temas desencadeadores de memórias pessoais, incitando novas ideias, desejos, realizações. Tal experiência remete ao modo que Lopes (1998, p.74) trata o projeto de vida: movimento criativo de transformação de condições anteriores “em perspectivas de mudanças que contenham a busca de algo significativo”. Nesse prisma desenvolveu-se a criação de espaços de exercício de possibilidades (Lopes, 1998).

Tornou-se possível que tais processos se iniciassem durante as rodas de conversa, por meio da atividade dos participantes, pelo reconhecimento de conexões com os temas e também pelas possibilidades de projetos futuros que os encontros ensejaram, seja no campo pessoal como também grupal. Conforme Alves (2021, p.17):

Considera-se que o humano está sempre em processo contínuo de movimento e que depende fundamentalmente das relações e das atividades sociais que desempenha na vida cotidiana, e estas, por sua vez, se estabelecem no contexto da sociedade e no período histórico que vivemos, mas são passíveis de constantes transformações de acordo com as necessidades que se configuram no próprio processo das inter-relações.

Ressalta ainda a autora que o movimento dinâmico das atividades cotidianas gera novas possibilidades aos indivíduos, que ao estabelecer novas conexões com situações diversas de seu entorno possibilitam ou impossibilitam o confronto, resistência e por fim, superação de coerções ligadas ao estabelecimento de papéis sociais definidos (Alves, 2021, p. 24).

Adensa a reflexão acerca do que foi observado junto à experiência vivenciada e à convivência com o grupo de participantes, a proposição do tema emancipação, considerando que este:

envolve uma série de questões, tais como a individuação, o reconhecimento, o lugar do sujeito nas práticas sociais, as mediações entre a existência dos indivíduos e a vida social, as

interconexões entre formas de vida e estrutura social (...) os limites e potencialidades de ações emancipatórias. (Almeida, 2017, p. 1)

O trabalho realizado incitou metamorfoses emancipatórias, portanto, em todos os participantes, incluindo meu “lugar” de professora, que por fim, se tornou integrante do grupo - com expectativa que o contato se mantenha, conforme expressão de novos planos de convivência destacados em último encontro. O que atesta a construção de um contexto propiciador da formação de uma unidade grupal, diferente do exercício de relações assimétricas.

Apreendi em grupo e com o grupo que é possível envelhecer mudando e que tais mudanças não levam a um findar da vida, mas à possibilidade de viver o envelhecimento de modo ativo, tomando nas mãos a terceira fase de modo autônomo, construindo perspectivas de acordo com o reconhecimento das possibilidades que podem ser desenhadas.

As histórias de vida por mim narradas fomentaram a narração das histórias de vida vividas e a materialização da construção de anseios por viverem-se outras novas histórias. Do resgate de um diário da mala velha, ao planejamento de empreender aventura de muitos quilômetros, como resultado da potência das histórias narradas à atualização das histórias vividas, simbolizando que “metamorfose é vida” (Ciampa, 1987/2001, p. 128).

Referências

Almeida, Juracy Armando Mariano de. Identidade e Emancipação. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 29, e170998, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29170998>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Alves, Cecília Pescatore. Sintagma identidade-metamorfose-emancipação. In: Alves, Cecília Pescatore et al. (org.). *Metamorfoses do mundo contemporâneo*. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2021. p. 13-42.

Ciampa, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

Graburn, Nelson. Antropologia ou antropologias do turismo? in: Graburn, N. *Turismo e antropologia: novas abordagens*. Campinas: Papirus, 2009. p. 13-52.

Lopes, Ruth Gelehrter da Costa. Velhos “indignos”. Investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantém socialmente ativos. *Revista Kairós*, São Paulo (1), ago.1998, p. 69-77.

Portuguesis, Diane. *Vidas em trânsito: ascensão financeira e o enredo identitário que aprisiona na condição liminar. Sorveteiros ítalo-brasileiros entre Itália, Alemanha e Brasil como (não) lugares*. 2018. 327 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21365>. Acesso em: 2 jul. 2024.

Portuguesis, Diane; Alves, Cecília Pescatore. Do desastre ambiental à formação de uma rede migratória: o caso de Longarone e Urussanga. *População e*

Sociedade CEPESE, Porto, vol. 40, dez. 2023, p. 142-153. DOI: <https://doi.org/10.52224/21845263/rev40v2>.

Rosenthal, Gabriele. *História de vida vivenciada e história de vida narrada. Gestalt e estrutura de auto apresentações biográficas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

Silva, Thaís Helena da; Monteiro, Karen Simões. Programa Idade Ativa: Relato de experiência. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), p. 293-305.

Data de recebimento: 30/07/2024; Data de aceite: 20/09/2024.

Diane Portugueis - Psicóloga, pós-doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), bolsista CAPES. Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM), vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana do CNPq. Professora do curso de Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: dportugueis@gmail.com

Karen Simões Monteiro - Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP. Coordenadora do Programa Idade Ativa e professora do UNISAL- *Campus* Santa Teresinha. E-mail: karen.monteiro@unisal.br.

Cecília Pescatore Alves - Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Social, docente da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, departamento Psicologia Social, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM), líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana do CNPq. E-mail: cpalves@pucsp.br.